



UNICAMP

P14.02

EVENTO:	Jessye Norman
	Gravação de CD de Schoenberg
VEÍCULO:	O Estado de São Paulo
DATA:	18 de janeiro de 1994
PÁGINA:	D 10
SEÇÃO:	Caderno 2



DISCOS

Jessye entra no cabaré de Schoenberg

A soprano Jessye Norman afirma a modernidade de 'Erwartung' e 'Brettli-Lieder'

CARLOS HAAG
Especial para o Estado

Que segredo faz com que uma música estreada há 70 anos ainda consiga provocar arrepios no ouvinte? A audácia e a intensidade de *Erwartung*, de Arnold Schoenberg (1874-1951), permanecem intactos, como comprova *Erwartung/Brettli-Lieder*, com a soprano Jessye Norman e James Levine à frente da Metropolitan Opera Orchestra, CD lançado na Europa ano passado e que chega agora ao Brasil.

Schoenberg só precisou de 17 dias para fazer em *Erwartung* ("expectativa") o retrato vigoroso de uma mulher que procura angustiadamente o amante pela noite e o encontra assassinado. Sem o ranço da modernidade "pensada", o charme do monodrama é a sua intuitividade na apresentação do temor, ciúme, culpa, doces lembranças e terror da personagem em apenas trinta minutos de música atonal.

Há quase 25 anos como diretor musical absoluto do Metropolitan, Levine, um talentoso intérprete de românticos e pós-românticos (Richard Strauss, em particular), vem se forçando a apresentar música moderna para fugir da pecha de "reacionário", dada a ele por seus muitos críticos, puxando a estrela do Met, Jessye Norman, para dentro da fogueira contemporânea.

Ao contrário da versão de 79 com Bohányi, o *Erwartung* de Levine compartilha a reticência diante da modernidade de seu mestre e protetor Karajan. Levine rege Schoenberg com opulência straussiana, minimi-

zando a aspereza das dissonâncias, tentando recriar desespero em tons aveludados. Longe de solução dramática coerente, a obra chega a soar mais como romantismo tardio que como música do futuro.

Mas, mesmo que o cérebro reclame, o coração, às vezes, não resiste à beleza sonora da Orquestra do Met, desencavando o colorido orquestral da partitura de Schoenberg, ou à voz ampla e rica em médios e graves de Norman. Degustando cada palavra do texto, embelezando cada inflexão, o perfeccionismo da cantora não deixa passar um mínimo vibrato sem elaboração. O problema é que seu sentido estético em alguns momentos se esquece do trágico e não

se sabe bem onde vai chegar, numa desagradável falta de clareza dramática.

Assim, se Silja, da versão de Dohnányi, era histérica do começo ao fim, a dupla Norman-Levine vai esquecendo o drama em fogo lento. Norman, no início,

faz uma mulher estranhamente ausente e desapaixonada, como se desconhecesse o seu fim. O susto do ouvinte só passa ao final, quando se percebe que a tensão foi criada aos bocados. Não dá para negar a coerência de Levine com a visão de Adorno da obra, como um acúmulo de choques traumáticos de uma mulher à beira de um ataque de nervos.

O CD inclui ainda as apimentadas *Canções de Cabaret*, com Levine acompanhando Norman ao piano. Depois do alto drama, nada mais relaxante do que se divertir com o contraste entre o clima de recital sério e a baixaria solta das letras.

SERVIÇO

Schoenberg — *Erwartung/Brettli-Lieder, Cabaret Songs*. Jessye Norman, Metropolitan Orchestra, James Levine. Philips. US\$ 24.



Jessye Norman: falta clareza dramática na gravação opulenta regida por James Levine, que inclui ainda as apimentadas canções de cabaré de Schoenberg, com o maestro ao piano

dicional diatônica e da estabilidade rítmica. Baseado no espírito didático de escrita para criança do *Pequeno Livro de Anna Madalena*, de Bach, e no *Álbum para a Juventude*, de Schumann, *For Children* foi parte de uma estratégia do compositor em encaixar, numa nova estrutura, as melodias originais deixadas intactas em sua singeleza.

Das 85 peças do álbum original, Kocsis gravou 79 delas, em mais de 70 minutos de frescor e espontaneidade juvenil. O pianista consegue superar a simplicidade extrema de algumas peças, revelando a beleza oculta e que o compositor descobriu em seus estudos sobre a música camponesa da Hungria. Basta lembrar que Bartók as revisou em 1945, pouco antes de sua morte, para entender sua importância na preparação de sua revolução musical.

Com grande poder de persuasão, Kocsis faz transparecer a lapidação, feita por Bartók sob os temas originais, onde não falta mesmo uma ponta de melancolia, representativa da tristeza que o compositor húngaro reunia ao tradicionalmente conhecido lado sombrio de sua terra natal. É notável o seu trabalho sob os acompanhamentos, sempre precisos e de grande clareza rítmica e brilho sonoro. Mas o "it" de Kocsis é o seu rubato não sentimental, adequado à elasticidade de ritmo característica do compositor. Delícias infantis para gostos adultos e, apesar da fachada inocente, tem presente musicológico para os fãs da música moderna. (C.H.)

SERVIÇO

Bartók - For Children — Zoltán Kocsis (piano). Hungaroton-Paulus. Preço médio do CD: CR\$ 6,2 mil. Já nas lojas.



Bartók: revolução musical

Bartók recria cantigas húngaras para crianças

Depois de alguns lançamentos convencionais, a Paulus começa a revelar os primeiros tesouros verdadeiros de sua associação com o selo Hungaroton. Acaba de chegar ao mercado, em prensagem nacional, *For Children*, reunião de cantigas húngaras e eslavas coletadas e retrabalhadas para o piano por Béla Bartók. E o que é melhor, na famosa gravação de 1980 do pianista húngaro Zoltán Kocsis, um

expert em Bartók, seja como intérprete, seja como editor de suas obras.

Escritas entre 1908 e 1909, os quatro volumes de *For Children*, como o *Mikrokosmos*, embora menos austeras, são peças simples que funcionavam como um método de transmutação da música folclórica em música moderna, preocupação central de Bartók antes de seu movimento de afastamento da harmonia tra-